

# Letras & Letras



MUNICÍPIO DO PORTO - PORTUGAL  
TAXA PAGA



N.º **104**

**Arte**

**Dossier  
Carlos Lança**

**Calouste Gulbenkian**

**História das  
Fundações  
em Portugal**

**Dossier**

**António  
Botto**

**Literatura Espanhola**

**Poesias de Miguel Florián**

**Carta Aberta ao Comité  
Nobel da Academia Sueca**

Ano VII - Janeiro 1993 - Director: Joaquim Marins - Mensal - 350\$00 - ISSN: 0872-1645

# DOSSIER

ORGANIZAÇÃO ALBERTO A. MIRANDA

Pessoa, Régio, Casais Monteiro, Sena dedicaram-lhe várias páginas das suas obras críticas. O caso de Botto apaixonou-os como atitude e provocou-os como caso estético e psicológico.

A poesia de Botto está, em termos formais, próxima de ritmos românticos, o que lhe terá valido a admiração de alguns sectores mais tradicionais, mas foi sobretudo a natureza do conflito que a obra de Botto revela, que interessou os homens do "Orpheu" e da "Presença". Não se trata de um conflito contra Deus, nem contra o mundo, nem contra o próprio sujeito poético enquanto homem; trata-se de um conflito com o corpo, com a beleza do corpo, com os desejos do corpo, com o amor dos corpos. O drama que pressentimos na poesia de Botto não é portanto exterior, mas sim interior e motivado pelo complexo de emoções que as suas preferên-

# ANTÓNIO BOTTO

## À FLOR DA PELE

*Margarida Calafate Ribeiro*

*A poesia de António Botto, francamente confessional, sofreu bem as consequências da personalidade do seu autor. Depois das especulações de carácter jornalístico ou popular, vieram os estudos sobre a sua obra.*

cias amorosas geravam.

A sinceridade com que o poeta se expõe na sua poesia, terá agradado a alguns poetas de "Orpheu" e, por outras razões, aos homens da "Presença". Mas foi também a sinceridade com que Botto cantou o seu amor e os seus desejos que o levou a enfrentar a sociedade do seu tempo, que sempre o viu como um poeta escandaloso e mesmo imoral.

Fernando Pessoa, num estudo que dedica à poesia de António Botto, afirma que a sua obra canta a vida e renega-a, canta o amor e renega-o, canta a beleza e renega-a. O drama de que esta poesia nos fala está afinal extremamente relacionada com o drama do tempo que passa e com ele passa a vi-

DOSSIER

ANTÔNIO  
BOTTO

da, o amor e a beleza.

Nas primeiras canções de "Adolescente" o poeta encantava-se com a sua própria beleza, descrevia-se, enfeitava-se tentando encontrar um espelho para a sua alma.

"(...)

*Os meus ombros florentinos  
Cobertos de pedraria,  
Deixavam —  
Escorrer pelo meu corpo  
Certa luminosidade fria...  
Nas minhas mãos de cambraia  
As esmeraldas cintilavam  
E as pérolas  
Nos meus braços  
Murmuravam...  
Desmanchado, o meu cabelo,  
Em ondas largas, caía,  
Na minha fonte  
Ligeiramente sombria.*

*Pálido sempre; dir-se-ia  
Que a palidez aumentava  
A minha grande beleza!*

*Na minha boca ondulava  
Um sorriso de tristeza.*

*A noite vinha tombando.*

*Por fim,  
Muito a custo,  
— Como que já pressentindo  
A desilusão final,  
Aproximei o meu vulto  
Daqule formoso espelho  
De marfim e de cristal.*

*Um cadáver enfeitado —  
Enão  
Aquele corpo de jovem,  
Harmonioso, délgado,  
Que tantas vezes beijaste!"*

Canções, "Adolescente"



Ao longo de toda a sua obra o poeta exprime em versos, por vezes violentos, a efemeridade do amor mas, o amor é o seu destino. No drama apresentado em "Ciúme", em que o poeta assinala com especial relevo este sentimento que percorre toda a sua obra, o ciúme não é apenas sentido em relação ao outro ser amado, mas também em relação ao seu próprio ser, à vida, à beleza e ao amor que fogem.

Este "subtil espiritualista da matéria", como lhe chamou Mário Saa, foi um escultor poético de belezas adoles-

centes que ele amou ou um cantor das emoções amorosas que viveu. Mas toda a contemplação da beleza, atitude primeiramente estética, logo filtrada por um desejo amoroso, muitas vezes expressamente sexual, está longe de ser desinteressada. A sua poesia recorda momentos de amor entre dois corpos que nunca são perfeitamente belos e perfeitos, porque não duram um momento eterno, mas um instante de vida. O que o poeta sente como vida é o que não dura, o que se perde. Por isso, o poeta sofre, na constatação das im-

perfeições da vida, criando ilusões, vivendo fantasias e desgostos.

O resultado desta vivência do amor e da beleza é desgastante, pois ou se vive num estado de permanente novidade amorosa ou se sofre o desgosto do amor perdido. Por isso, os poemas são extremamente vivos, havendo na obra de Botto momentos de grande tensão entre o texto e o momento em que o texto foi escrito, ou seja, o presente. Grande parte dos poemas são monólogos amorosos dramáticos, diálogos imaginários com a pessoa amada, teatralização de encontros ou separações, ou confissões sinceras de amor.

*"Porti, noites e dias na voragem  
De uma loucura lúcida e sombria —  
Perdi a sensação de ser um homem  
Que o lume da razão governa e dá o  
[aprumo  
Da existência sólida, sadia...*

(...)

*Porti, sempre agressivo me afastava  
De tudo onde o teu vulto não surgisse  
E o teu sorriso não me desse alento  
De acreditar, de ver, de me achar bem...  
Porti, odiei os dogmas do Universo  
E as leis fundamentais da Civilização;  
Rasguei as convenções, fiz do desejo  
O meu altar e mortalhei os sonhos  
Deste infeliz e triste coração!"*

Canções, "A Vida que Te Dei"

Liberto de convenções religiosas ou morais, o poeta vive e canta o amor no seu instinto manifesto de apropriação carnal do outro, sendo de especial interesse realçar a importância de palavras como, "o beijo", "o teu corpo", "o prazer", "a sensualidade dos corpos", essenciais na descrição do uni-

verso amoroso bottiano. É este tipo de amor que constitui o fundo estético da sua personalidade e da sua poesia.

Botto vive intensamente e regista na sua poesia todas as contradições do amor pois, se por um lado, em muitos poemas amor significa vivência de uma sensualidade física e espiritual, por outro lado, muitos são os poemas em que o amor é o ciúme, a traição, o desengano. O que torna a poesia de Botto desconcertante é esta vivência dos extremos do amor, não no sentido das suas orientações sexuais, mas de através da mesma palavra exprimir a essência contraditória da sua personalidade que se funde com a essência contraditória do amor.

Diz-nos Botto que "*O amor é a essência de que somos formados e pela qual vivemos*" Canções, "Cartas que me foram devolvidas") e para o viver verdadeiramente (tal como à vida) é preciso desafiá-lo para o tentar possuir. Até lá longo é o caminho, sinuoso o percurso do dar e possuir, do prazer e do desejo, mas também do ciúme, da mentira e do desencanto.

Na poesia de A. Botto é sempre a mesma palavra — amor — que define sentimentos aparentemente opostos e é nesta duplicidade que o amor e a vida se constroem em alegria ou em drama. Foi a alegria do amor que o tornou um esteta, mas foi a dor do amor que conferiu ao seu sentimento estético uma expressão poética mais sentida. Foi ainda o drama do amor que gerou a sua intimidade com a morte.

A ironia emotiva tão presente na poesia de Botto, sobretudo na sua fase mais pessoal, nasce, como viu Fernando Pessoa, do sentimento contraditório em si mesmo que habita a alma do poeta. A aceitação da realidade com um "sorriso triste" é a expressão máxi-

ma da insatisfação constante em que o poeta vive, e à qual parece estar condenado, pois um "sorriso triste" é em si mesmo uma contradição e uma ironia.

A tristeza, associada muitas a expressões culturais como o fado e o tanger da guitarra, demonstra um caminho para a desilusão do amoroso e do poeta que, permanentemente insatisfeito, vai criando ideais cada vez mais inatingíveis.

Pela conduta fictícia do amor A. Botto seduz e é seduzido pela ilusão. Vive sempre num estado de permanente inquietação. Por momentos quentes, alucinantes, acredita no amor e vive-o intensamente no espírito e na carne. Canta-o com um despojamento que podemos aproximar do da Florbela. Pelo amor, serão ambos incompreendidos de uma sociedade datada, incapaz de tolerar a diferença. Ansioso o impossível, ambos traduzem em frases torturadas as suas almas delicadas e amantes, ambos idealizam e desejam um amor que nunca realizam na plenitude sonhada. Pelo amor, ambos pretendem atingir a beleza suprema, o amor perfeito, o amante ideal. Obtêm apenas momentos perfeitos, fugidios. A realidade é-lhes agressiva e desinteressante. O imaginário é muito mais apaixonante e, por isso, toda a realidade do amor se joga em aspiração irrealizada, porque irrealizável.

*"Tudo que em nós não chegou a realizar-se tem na poesia a sua mais alta vibração emotiva. Sim, meu amor: os grandes versos não são sentimentos; — os grandes versos são experiência; e poesia não é mais do que a lembrança purificada pela beleza da expressão."* ■

Canções, "Cartas que me foram devolvidas"